

PSICODRAMA  
PEDAGÓGICO  
TRAJETÓRIA E  
DIFUSÃO



Valério José Arantes

Roseli Coutinho dos Santos Nunes

PSICODRAMA  
PEDAGÓGICO  
TRAJETÓRIA E  
DIFUSÃO

---

Relatos orais:

*Inah Soares Moreira*

*Maria Alicia Romaña*

*Elena Nosedá Bustos*

*Agenor Moraes e Bernadete Castro*

*Vera Saldanha Garcia*

*Pierre Weil*

*Anita Cecília Lofrano*

*João Francisco Duarte Junior*

*Jaime Guillermo Rojas-Bermúdez*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Arantes, Valério José

Psicodrama pedagógico : trajetória e difusão / Valério José Arantes, Roseli Coutinho dos Santos Nunes. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2015.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-363-5

1. Aprendizagem 2. Educação 3. Ensino 4. Motivação  
5. Pedagogia 6. Psicodrama 7. Psicologia educacional I.  
Nunes, Roseli Coutinho dos Santos. II. Título.

---

15-04973

CDD-370.15

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Psicodrama pedagógico : Psicologia educacional 370.15

*capa e gerência editorial:* Vande Rotta Gomide  
*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**JULHO/2015**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

*Dedicamos a todos que estudam,  
pesquisam e aplicam a teoria do Psicodrama.*



## SUMÁRIO

PREFÁCIO **9**

*Cesar Nunes*

APRESENTAÇÃO **13**

*Valério José Arantes*

APRESENTAÇÃO **19**

*Roseli Coutinho dos Santos Nunes*

INTRODUÇÃO **25**

FUNDAMENTOS DO PSICODRAMA **29**

PSICODRAMA PEDAGÓGICO **53**

MOTIVAÇÕES VIVENCIAIS,  
CONTRADIÇÕES INSTITUCIONAIS  
E PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS **69**

RELATOS ORAIS DE PSICODRAMATISTAS  
QUE CONSTRUÍRAM A HISTÓRIA  
DO PSICODRAMA **77**

TRAJETÓRIA E DIFUSÃO EM CAMPINAS **147**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **157**

BIBLIOGRAFIA **161**

## PREFÁCIO

Escrever um prefácio é uma das mais distintas tarefas que considero honrosas para a vida e trajetória de um pesquisador e educador como eu, com perdão da possível falta de modéstia. Já vivi muitas coisas, li muitos livros e ainda me sinto incompleto, faltante. Mas, na nossa luta pela vida vamos labutando com as demandas do dia a dia, orientando trabalhos acadêmicos, ministrando aulas e realizando algumas conferências, participando aqui e ali de reuniões e debates, de eventos grandiosos e de tantas outras exigências da vida acadêmica que, via de regra, acabamos nos perdendo no ativismo do cotidiano. Mas, eis que um amigo, uma amiga, nos chama de lado e nos pede que escrevamos um prefácio de uma obra sua. Eu então fico muito feliz, pois terei a honra e a alegria de ler as primícias do trabalho escrito de um amigo, suas produções mais originais, e isso me causa alegria e algum espanto. Explico: a alegria decorre da solidariedade com quem escreve, o prefaciador é sempre um apresentador, um mediador, um leitor primeiro, quase um promotor, da causa e da intencionalidade que leva alguém a escrever um livro. E o espanto deriva da beleza e originalidade da obra que se lê e se busca prefaciá-la, como agora!

Pois escrever um livro é um ato de entrega ao mundo. É uma atitude de revelação, uma expressão de altruísmo, uma dádiva. Quem escreve abre seu coração, sua mente, sua vida, pois deixamos pistas de nossas identidades, de nossos desejos, de nossas ideias e afetos, nas entrelinhas do escrito, no interdito do texto, nas lacunas dos pontos e vírgulas. Um observador criterioso encontrará aqui e ali os pedaços de nossa existência, as marcas de nossa essência social, nossas intencionalidades e até mesmos os suspiros de nossas frustrações, de nossos medos inconfessáveis, as marcas das desilusões, bem como das apostas, das escolhas e de todas suas afirmações e negações reais. Escrever é mesmo um pôr se no mundo tão definitivamente que a admiração que tenho por quem escreve é o único apanágio para recuperar a inolvidável dimensão para tal entrega e desmesura.

Com esses cuidados abri as páginas desse livro encantador de Valério Arantes e Roseli Nunes. Fui lendo devagarinho suas páginas, seus capítulos, suas composições vivenciais, seus registros, suas análises e suas interpretações, os depoimentos, as ideias, as esperanças, os argumentos, as convicções, as utopias encarnadas, as contradições apontadas, os sonhos tecidos e as saudades, permeadas de nobres expressões. Trata-se de um livro que busca resgatar o registro histórico da trajetória do Psicodrama Pedagógico em Campinas, na grande região metropolitana de Campinas, nos anos ou décadas finais do século XX e nesses limiares do século XXI. O livro quer ser o balanço reflexivo, mas também o registro histórico, deseja ser o criterioso analista, mas também se permite interpretar se a si mesmo, pois os autores não se postam distantes ou exteriores a esse processo que descrevem e analisam, são, pelo contrário, protagonistas desse percurso formativo e afirmativo, pedagógica e institucionalmente.

Minha leitura acaba sendo suspeita, pois gostei demais do livro, senti sua energia, seus cheiros humanos, suas palavras bem postas, seus paladares críticos e auto-críticos, seus ecos históricos, suas ressonâncias afetivas. Não pude parar de ler, de acompanhar os fundamentos do Psicodrama, a ousada criação de Jacob Levy Moreno, os percalços de sua identidade histórica, ao mesmo tempo em que observei a originalidade do Psicodrama no Brasil, a grandiosidade de Pierre Weil e Helena Antipoff, perpassando pelas heroicas distinções dos autores e coautores em Campinas, nos órgãos de classe, entidades, federações, desde a primeira reunião até os Congressos e a visibilidade de se constituir numa singular realidade mundial.

Como instrumento de mediação para o encaminhamento e governo, a administração e compreensão das coisas humanas o Psicodrama Pedagógico constrói sobre si uma identidade absolutamente original. E se revela, bem como historicamente se comprova, como uma ferramenta humanizadora, catártica, restauradora, dos sujeitos aprendentes e ensinantes, nessa relação especial que é a relação educacional ou pedagógica. Os autores condensam as identidades do Psicodrama como teoria do desenvolvimento humano, como terapia profunda e como pedagogia. Essa é, creio eu, a maior distinção do presente livro.

Os ricos e densos depoimentos colhidos pelos autores sobre as contradições institucionais, sobre as dificuldades de legitimação das técnicas e das expressões do Psicodrama, no Brasil e em Campinas, foram acompanhados de criteriosas interpretações e de consistentes tessituras propositivas, com a exploração de potencialidades educacionais. Há uma linguagem simples, objetiva, marcada por um estilo de exposição leve e bem cadenciado, o que dispõe o caráter didático e altamente educativo e formador do livro em questão.

Os autores, Valério Arantes e Roseli Nunes, eu tenho a honra de conhecer há mais de duas décadas. Tenho com eles a amizade vivencial e nutro por eles uma singular admiração. São pessoas sensíveis, educadores consolidados, pesquisadores criteriosos e originais, em seu campo profissional de atuação, a Psicologia e a Educação, e agora protagonizam a contribuição histórica e interpretativa do fenômeno psicodramático. Admiro esses educadores e agora recomendo a todos a leitura de seu trabalho a quatro mãos, nascido da cooperação exemplar, da atuação solidária e dos horizontes utopistas e militantes conexos entre si.

Por fim recomendo a todos os que puderem ler essas páginas que apropriem-se por inteiro do livro, absorvam suas informações históricas, cadenciem suas emoções e ideias nas suas análises dos depoimentos dos autores, da recuperação dos contextos do Psicodrama e de sua trajetória formativa, de seus anseios, de seus deslocamentos e de suas realizações. Trata-se de uma obra que irá fundamentar uma nova e enriquecedora leitura do processo histórico e da historiografia do Psicodrama Pedagógico no Brasil.

E que essa leitura reafirme em todos nós o mais sagrado dos sentimentos, o amor à vida e à beleza, dramática e maravilhosa, de toda existência humana! Gosto de uma canção de Almir Sater e Renato Teixeira que diz assim: *Cada um de nós compõe a própria história e cada ser em si carrega o dom de ser capaz, de ser feliz (...)* Penso que seguir a vida seja simplesmente compreender a marcha e ir tocando em frente! É o que sinto nesse momento ao escrever esse prefácio, a vida, a história, a memória e o desejo de imortalidade pulsam nas páginas desse texto lindo e provocativo! Leiam.

*Cesar Nunes*

Professor Titular de Filosofia e Educação, Unicamp

## APRESENTAÇÃO

*Valério José Arantes*

Iniciei minhas atividades na área da Psicologia no ano de 1971 em um Hospital Psiquiátrico, que seguia uma linha de intervenção fundamentada na Psicologia Comportamental, direcionada ao atendimento de psicóticos (Hospital Beneficente Cristão, Bauru, SP). Em 1972 fiz minha transferência para Campinas, local onde formamos um grupo, que atendia psicóticos internados no Sanatório Cândido Ferreira sob a supervisão do psiquiatra Décio Pinto de Moura. Nesse mesmo período, Inah Soares Moreira (depoimento 1), realizava um trabalho clínico utilizando o Psicodrama.

Em paralelo ao cotidiano de nossas atividades, incluindo o desenvolvimento de diagnósticos de casos e anamneses, Inah Soares Moreira seguia com suas atividades Psicodramáticas, naquele momento precisando de Egos-Auxiliares. Candidatei-me e fui aprovado na seleção para participar de sua equipe. Nesta oportunidade, descobri como o Psicodrama envolve a gente, de uma forma que não tem como se livrar com as defesas que normalmente estão estruturadas no racional, na verbalização.

Ela propôs uma situação de dramatização e quando entrei em cena, esqueci que estava dramatizando, mas no momento exato consegui lembrar e recuperei o meu “Eu”, assumindo o controle de minha personalidade e fui aprovado. Outros colegas do nosso grupo também entraram na equipe. O atendimento aos psicóticos no Sanatório Cândido Ferreira passou a ser realizado semanalmente com as técnicas do Psicodrama.

Fiquei fascinado com o trabalho que ela realizava, era uma Diretora fantástica. Aplicava o Psicodrama como se estivesse brincando. Descobri que o Psicodrama era realmente aquilo que diziam: Moreno trouxe a alegria para a Psiquiatria, como foi registrado na lápide de seu túmulo.

Nessa época, Alfredo Correia Soeiro, Psiquiatra e Psicodramatista, coordenou a implantação de uma Associação de Psicodrama em Campinas (ACPS), que abriu sua segunda turma em 1974. Entrei nesta turma e comecei a aprender Psicodrama, não apenas na prática, mas também na teoria. Aprendi a utilizar o corpo na dramatização e a recuperar o discurso Artístico. O Psicodrama, fundamentado no Teatro recupera também os discursos Filosófico e Espiritual, numa atividade Científica eficiente e fascinante.

A minha dedicação ao estudo e à aplicação do Psicodrama implicou na indicação de meu nome para ser professor da terceira turma da ACPS iniciada em 1975. Fiquei preocupado com essa possibilidade de assumir uma disciplina! Soeiro, que também era meu terapeuta na psicoterapia de grupo, disse-me que eu teria que fazer o que já fazia com meus pacientes. Perguntei: “Aplicar Psicodrama na sala de aula?” Ele respondeu, “sim”. Foi quando descobri a possibilidade do Psicodrama Pedagógico!

Comecei a aplicar o Psicodrama na sala de aula em 1975, na terceira turma das ACPS. Ao me deparar com o

desafio de estar me tornando um Educador, resolvi entrar no mestrado da Faculdade de Educação – Unicamp, no primeiro semestre de 1976 e no segundo semestre fui convidado para aplicar o Psicodrama nos alunos da primeira turma do curso de Pedagogia – FE/Unicamp.

O Psicodrama na Educação faz da sala de aula uma “caixinha de surpresas”, não se pode imaginar o que vai acontecer! Ao respeitar a espontaneidade dos alunos não se sabe para onde o grupo vai caminhar. Em 1977 fui contratado pela Unicamp como professor, ao mesmo tempo em que continuava trabalhando na área clínica.

Antes de ser contratado pela Faculdade de Educação, eu estava ligado à Psiquiatria da Unicamp, junto com o Prof. Dr. Joel Sales Giglio desde 1974, que também era da minha turma de Psicodrama na ACPS. Começamos a atender grupos de alunos da Faculdade de Medicina – Unicamp, onde participei como Ego-Auxiliar e, em algumas ocasiões, como Diretor.

Ao trabalhar com a área clínica e educacional, percebia que não existia tanta diferença entre uma e outra. Na realidade, na área clínica não se deixa de estar educando aquele que busca conselhos para problemas cotidianos, assim como, na área educacional, em alguns momentos, se vai além de um aconselhamento psicológico.

Continuei atendendo na clínica e oferecendo supervisão com Psicodrama para quem trabalhava com menores institucionalizados. Neste período supervisionei a implantação do Setor de Psicologia da “Associação de Educação do Homem de Amanhã” de Campinas. Tivemos vários psicólogos e estudantes de psicologia estagiando, foi uma época muito gratificante!

Em 1976, José Carlos Landini foi convidado para fazer parte da ACPS. Mas, uma situação conflitiva acabou dividindo o grupo. Alguns, juntamente com Landini, fundaram outra Associação, o Instituto de Psicodrama e

Psicoterapia de Grupo de Campinas (IPPGC), enquanto outros continuaram na ACPS. Nesse mesmo período iniciamos o Grupo de Estudos de Psicodrama Aplicado (GEPA), existindo, assim, três Associações em Campinas na mesma época.

O GEPA fez uma série de inovações, como por exemplo, a inclusão das disciplinas de Fenomenologia Existencial e Expressão Corporal para a formação do aluno Psicodramatista. Contratamos professores especialistas em suas áreas para as respectivas disciplinas. Chegamos a apresentar uma peça de teatro no Salão Vermelho da Prefeitura Municipal de Campinas: “Despedida de Solteiro”, de Nery Gomide, sob a direção de nosso professor Mário Rodrigues.

Cobrava-se uma mensalidade para manter o GEPA funcionando, mas formávamos um grupo sem fins lucrativos, a ideia era construir uma Associação que atendesse pessoas carentes. Os professores lecionavam e administravam, recebendo seus honorários por hora/aula. A outra parte dos fundos era empregada em benefícios da Associação.

Após minha saída do GEPA, a coordenação ficou a cargo de Agenor Moraes e Bernadete Castro (depoimento 4) e Anita Cecília Lofrano (depoimento 7). Neste mesmo período, o Prof. João Francisco Duarte (depoimento 8) transferiu-se para Uberlândia e o Prof. Joel Giglio viajou para os Estados Unidos, encerrando as atividades do GEPA em 1980. Em 1983, juntamente com a participação de alunos de Psicologia da PUC/Campinas e de alunos da Faculdade de Medicina da Unicamp, tentamos reconstruí-lo, para a abertura de mais uma turma.

Em 1985, houve uma proposta de integrar o GEPA com a ACPS, mas os alunos votaram contra. É possível que a presença de Alfredo Correia Soeiro, que esteve dirigindo um Psicodrama Público, tenha influenciado nesta decisão. Soeiro acreditava que era ótimo exis-

tir uma Associação desvinculada da Federação Brasileira de Psicodrama (Febrap), pois era uma forma do Psicodrama crescer com mais Espontaneidade. Nesta época, a ACPS já era ligada à Febrap. Após este episódio, surgiram desavenças dentro do GEPA, inclusive em função desse fato.

Na Unicamp, implantei o curso de Psicodrama Pedagógico em 1984. Ensina os alunos a trabalhar com o Psicodrama. Como não dava para desenvolver tudo o que eu pretendia numa só disciplina, criei outra, intitulada Jogos Dramáticos na Pré-escola.

Na área educacional, a dramatização requer certos cuidados, por isso direcionei especificamente para os Jogos fundamentados na Teoria do Psicodrama, possibilitando aos alunos da Pedagogia uma formação em Jogos Dramáticos.

Sempre mantive presente a preocupação de manter o curso dentro dos limites da área educacional. Quando aplicamos o Psicodrama Pedagógico, devemos ter o cuidado de evitar um aprofundamento em problemas pessoais. Nosso objetivo principal reside na aprendizagem direcionada para educar e não para clinicar.

As divergências teóricas sempre foram uma constante na história do Psicodrama. Quando Moreno conheceu Rojas-Bermúdez (depoimento 9), psicodramatista argentino, chegou a chamá-lo de “filho psicodramático”. Um tempo depois romperam relações. No Brasil, o próprio Bermúdez reexperienciou essa crise quando seus Egos-Auxiliares fundaram outra Associação. Alfredo Soeiro, que era mais ligado a Bermúdez, tentou uma aproximação com outros Psicodramatistas de Campinas, mas acabou enfrentando um conflito que gerou o nascimento dos três grupos citados.

Dentre as minhas experiências mais importantes no contexto do Psicodrama, cito o curso com Jaime Ro-

jas-Bermúdez, realizado em Ribeirão Preto, quando nos ensinou a Teoria do Núcleo do Eu, em 1975 e, o curso de Cosmodrama, em 1981, com o Prof. Pierre Weil (depoimento 6), em Campinas. Em destaque, tive uma experiência muito gratificante com o Prof. Rene Marinéau, em 2000, quando ele realizou um Workshop sobre a Loja Mágica em Jundiaí, a partir da qual tive a inspiração de criar o personagem do velho hippie, numa Viagem Mágica.

Fui testemunha ocular de uma parte da história do Psicodrama apresentada neste trabalho, que tem a intenção de registrar as origens do Psicodrama Pedagógico para aqueles que continuam aprendendo e aplicando essa teoria e suas técnicas com objetivos de ensinar e melhorar as relações entre os seres humanos.

## APRESENTAÇÃO

*Roseli Coutinho dos Santos Nunes*

O encontro mais efetivo com o Psicodrama aconteceu quando cursei a disciplina “Técnicas de Relaxamento e Jogos Dramáticos”, durante a pós-graduação, na Faculdade de Educação da Unicamp. Havia tido pouco contato no curso de graduação e até lido pouco a respeito, mas os resultados eram interessantes e os autores simplesmente apaixonados pelo uso e tema, então, minha expectativa era grande.

Logo no início do primeiro dia de aula, o professor criou o clima de mistério. Quem quisesse cursar realmente a disciplina deveria colocar o nome de duas pessoas que gostaria que cursassem a disciplina, em ordem de importância. Situação incomum em cursos superiores. O interesse foi despertado em mim e em meus colegas, o que descobri depois. Mais tarde, durante o semestre, fiquei conhecendo o Teste Sociométrico e acabei entendendo o porquê de tanto mistério. Isso tudo despertou a expectativa do que viria a seguir. O curioso é que durante todo o semestre foi essa a sensação da turma.

O professor, depois das devidas apresentações, começou a explicar o motivo de ter aplicado Teste Socio-

métrico, era para compreender a dinâmica de interação grupal. O teste mede o nível de aceitação e vínculos. Foi bem divertido saber quem havia me escolhido... Assim foi nosso início de curso.

Em seguida, começamos a aprender um pouco mais sobre o Psicodrama, a teoria, a história, o criador. Quando chegávamos ao final da aula, a sensação era “já acabou?”. As horas “voavam”. É o que acontece quando se faz o que se gosta, as horas “voam” muito mais rápidas.

Mesmo quando tínhamos seminários para apresentar, não sabíamos como os colegas iriam trabalhar. Sempre era uma relação de grupo. Não ficávamos parados, como expectadores, éramos parte da apresentação também. Sem ensaios, sem falas prontas, sem roteiros. Além de nos deixar soltos e leves, era muito divertido.

O essencial era a espontaneidade e o fator surpresa. Chegávamos à sala, mesmo nas aulas de conteúdo teórico, e ficávamos à espera do que aconteceria. Havia aulas em que o conteúdo era somente teórico e às vezes exaustivo. Havia dias em que começávamos já praticar o Psicodrama logo no início da aula. Havia dias em que entrávamos na teoria e, em seguida, na prática psicodramática.

A primeira brincadeira que tivemos me fez perceber como minha criatividade estava reprimida e permitiu ao professor observar o nível de espontaneidade e criatividade da turma. O professor deixava o aluno à vontade para que partisse dele a iniciativa de participar. A brincadeira consistia em que o aluno sentasse em uma cadeira no meio da turma. Em seguida, o professor pedia que o aluno fechasse os olhos e neste instante colocava um objeto em suas mãos para que ao abrir os olhos e contasse uma estória. O engraçado é que, com exceção de uma colega, todos falaram acerca do objeto, descrevendo sua utilidade e suas características. Totalmente sem criatividade.

Apenas uma colega, diferenciando-se dos outros colegas, contou uma estória sobre uma menina que utilizava o objeto. Naquele momento a turma percebeu a diferença entre as narrativas. Percebemos como nossa criatividade estava tolhida. Percebemos o quanto estamos presos no pensamento concreto. Foi o primeiro despertar.

A lembrança da primeira vez em que participei do Teatro da Espontaneidade, quando se transformou de teoria em ação, foi um dia de aula comum. Sem que ninguém suspeitasse, o professor nos pediu para que nos dividíssemos em dois grupos (não me lembro de exatamente qual foi o critério para a divisão). No momento da apresentação foi entregue o tema para cada grupo. É claro que cada grupo não sabia que a missão era a mesma e também não sabia também como seria a interpretação do outro. O desafio foi, após a apresentação, traduzir o que foi interpretado. O tema era “um ritual de passagem”.

Meus colegas e eu, quase que ao mesmo tempo, pensamos no casamento como o ritual de passagem que transforma a vida do ser humano. Decidimos que representaríamos um casamento alegre. Nesse momento começou a sensação de excitação, que era notadamente geral nos dois grupos. Foi muito divertido porque não tínhamos tempo de sequer pensar no que dizer. Tudo no momento, no agora, sem tempo para nada, sem ensaios, sem falas previamente escritas, sem enredos.

No nosso casamento deveria ter os noivos, os pais da noiva e do noivo, um padre, como ritual de casamento tradicional católico. Só tivemos tempo para pensar isso. Rapidamente o professor nos pediu para começar a encenação. Foi bárbaro porque, como disse anteriormente, não tínhamos nada preparado. A noiva foi levada ao altar e o padre que estava sonolento começa a cerimônia. A cerimônia estava indo muito bem até que o padre faz a pergunta decisiva: “há alguém que possa impedir este casamento?”. O inesperado acontece. O amante do noi-

vo manifesta-se impedindo o casamento, isso leva a mãe da noiva a desmaiar. A encenação acontece sem ninguém ensaiar, em poucos minutos, numa sincronia quase que perfeita.

A ideia do ritual de passagem para o outro grupo foi diferente do nosso. Eles representaram a morte de uma pessoa e seu renascimento depois dela. O mesmo tempo que tivemos para organizar nosso grupo foi o tempo que eles tiveram. Embora tenha sido mais profundo que o nosso tema, ambos traduziram o clima do grupo que era de renascimento para uma vida nova.

Outro momento gratificante do curso foi a brincadeira com os fantoches. Cada colega de turma deveria escolher entre os bonecos que o professor trouxe e contar uma estória sobre ele, de imediato, sem ensaios. Nesses instantes nos surpreendemos com a nossa atitude diante do fator surpresa. No meu caso, no primeiro momento, fiquei sem fala, depois o cérebro respondeu mais rápido e o objetivo foi alcançado. Conte a estória de um coelho alegre.

Outro momento marcante aconteceu na “Viagem Mágica”, com o “Velho Hippie”. Como das outras vezes, ninguém suspeitava o que poderia acontecer. Sentamos ao som de uma música relaxante e nos foi pedido que olhássemos para dentro de nós, sem pensar em nada. Após alguns minutos, o professor completamente transformado no “Velho Hippie” nos pede para escrever em um pedaço de papel o que queríamos para nós. O meu pensamento, neste momento, foi em relação à educação. O que eu, como professora, gostaria de ter dentro de uma sala de aula? Como eu gostaria que meus alunos me vissem? Olhei para dentro de mim, como o “Velho Hippie” nos orientou. Assim como meus colegas, descobri o que queria.

Depois disso tudo, meus colegas e eu escrevemos nossos pedidos em um pequeno papel e colocamos

dentro do saco de pano do “Velho Hippie”. Como disse anteriormente, o mistério e o fator surpresa são constantes dentro dos Jogos Dramáticos. Aguardamos o que iria acontecer. Aquela figura que não se parecia em nada com o nosso professor, já estava se tornando nosso amigo e logo mais nosso conselheiro. Ficamos, mais alguns instantes, em silêncio, apenas observando nosso amigo a embaralhar os pedidos e pegar um aleatoriamente. Ele nos disse que iria pegar um dos papéis, que não estavam identificados, e que o autor deveria explicar o motivo do pedido.

O primeiro papel sorteado era de uma colega que tinha uma dúvida comum à maioria das pessoas: como ser feliz? Ela buscou dentro dela a resposta e chegou a conclusão de que já sabia como ser feliz. Isso a levou a um choro com um misto de alívio e alegria.

Em seguida, o “Velho Hippie” nos pediu para fecharmos os olhos e olharmos novamente para dentro de nós para encontrar a resposta da pergunta que criamos. Ali encontraríamos a resposta, dentro de nós. É fascinante observar que mesmo meio cética, em princípio, encontrei a resposta que queria. Isso me ensinou que muitas vezes sabemos onde estão as respostas, mas não queremos encontrá-las.

Tínhamos nessa turma mãe e filha estudando juntas. O pedido da filha foi que a mãe voltasse a ser alegre e sorrisse como antigamente, como a lembrança que a filha tinha da mãe. Isso comoveu a turma e surpreendeu a mãe que não tinha mais noção de que havia perdido a alegria. A mãe, através do pedido da filha, despertou da tristeza que a estava envolvendo e pôde exteriorizar os anos de tristeza. O “Velho Hippie” então pediu que todos os colegas sugerissem para essa mãe o que poderia trazer a alegria de volta. Obedecendo ao “Velho Hippie”, todos nós deixamos nossa colaboração e crescemos naquele momento. Não somente a mãe e a filha, mas como seres

humanos, crescemos. O sentimento geral era de não deixar a alegria ir embora. A experiência foi marcante para todos nós. Um momento mágico. Ali pudemos perceber que os vínculos foram trançados, laços de amizade e de empatia aconteceram.

Após essa relação de empatia com nossas colegas, o “Velho Hippie”, satisfeito por ter mudado a vida daquelas pessoas, foi embora. Nesse instante, retorna a figura do professor, que pede a todos que contém os seus pedidos e os motivos. Mais uma vez, os pedidos dos meus colegas se tornaram os meus. Descobri que as minhas carências, enquanto professora, eram as mesmas deles. Foi gratificante e enriquecedora a experiência. Fomos transformados em outras pessoas a partir daquele momento. É o resultado da aplicação do Psicodrama na educação.

E foi dessa forma que se iniciou a minha relação com o Psicodrama, sempre dentro da sala de aula, com o despertar do homem espontâneo descrito por Moreno.

## INTRODUÇÃO

A curiosidade motivou a busca pelo conhecimento do caminho percorrido pelo Psicodrama Pedagógico em Campinas. Já que só havia relatos fragmentados que despertaram o desejo de investigar essa história. O fruto dessa investigação tornou-se a dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, em 2004, pela jornalista e professora universitária Roseli Coutinho dos Santos Nunes, orientada pelo professor doutor Valério José Arantes, que sempre a encorajou à inquietante busca pelo conhecimento. Atualmente, Roseli é doutoranda na área de Psicologia Educacional pela Faculdade de Educação da Unicamp.

A pesquisa resultou no relato dessa história a partir de fontes primárias: relatos orais de Psicodramatistas dirigentes de associações ao longo de sua implantação, de publicações das entidades (boletins e cartilhas), além de livros sobre a história do Psicodrama no Brasil. A ideia foi pesquisar os arquivos organizados da extinta ACPS (Associação Campineira de Psicodrama e Sociodrama), do IPPGC (Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas) e do GEPA (Grupo de Estudos de Psicodrama Aplicado), além de entrevistar oito pessoas cuja participação marcou a trajetória do Psicodrama Pedagógico nessa cidade.

As entrevistas exploraram temas recorrentes do cotidiano dessas entidades que representavam seu papel na construção do Psicodrama e sua visão sobre a importância para a cidade. Para captar a perspectiva dos entrevistados, utilizou-se como método de investigação a história oral. Sete entrevistados contaram, individualmente, o seu envolvimento na trajetória do Psicodrama. Ao atuarem em períodos e épocas diferentes contam a história do seu próprio ponto de vista.

Apesar de significativo número de educadores utilizarem a metodologia psicodramática em sala de aula, as publicações sobre o Psicodrama Pedagógico têm sido menos divulgadas. Talvez seja porque ao se falar em Psicodrama imediatamente faz-se relação com a psicoterapia, isso porque a maioria de publicações existentes serem escritas por psiquiatras e psicólogos clínicos.

É relevante destacar que o Brasil é o país em que há o maior número de Psicodramatistas em atividade. O “pai” do Psicodrama, o psiquiatra Jacob Levy Moreno, mencionou que o Brasil é o país onde vive o povo mais espontâneo entre as nações do nosso planeta. Por esse motivo, a metodologia psicodramática pedagógica tem ocupado lugar cada vez mais importante no ensino acadêmico e no técnico especializado. Embora pouco tem sido feito numa linha de levantamento histórico e de reflexão sistemática sobre essa metodologia.

A fim de contribuir com o desenvolvimento humano, o Psicodrama Pedagógico tem sido utilizado, não somente na educação, mas por diversas áreas de trabalho, como: empresas, diversas organizações, recursos humanos, treinamento e seleção, acompanhamento e recrutamento de profissionais. Psicólogos das áreas clínica, educacional, social e empresarial, têm aplicado essas técnicas em pacientes e seres humanos em diferentes áreas.

Os educadores têm, geralmente, o objetivo de formar um aluno consciente e crítico, privilegiando apenas o aspecto cognitivo em detrimento dos aspectos afetivo e social. O fato de que o ensino é muitas vezes exclu-

sivamente cognitivo – utilizando-se aulas formais e expositivas, em uma relação vertical entre professor-aluno, ignorando o ser humano no ato de aprender –, permite ao Psicodrama Pedagógico preencher esta lacuna, pois é metodologia que possibilita a interação desses aspectos por meio da ação na aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento do ser humano como um todo.

O Psicodrama Pedagógico é constituído de atividades integradas por trabalhos em grupo, jogos e dramatizações, e pode ser instrumento em quaisquer níveis de ensino, além da possibilidade de ser combinado com outros métodos e atividades de ensino, como avaliação e trabalho em equipe, favorecendo a aquisição do conhecimento e o aperfeiçoamento das relações.

Conhecido como “o país em que o Psicodrama deu certo”, nos últimos anos o Brasil formou mais de três mil Psicodramatistas entre médicos (psiquiatras e não psiquiatras), psicólogos e educadores de diversas formações. Muitos desses especialistas produziram livros sobre o tema e aproximadamente mil artigos, inúmeras monografias de credenciamento como Psicodramatistas; além de diversas Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado em universidades. Há também registros de atuação em organizações não governamentais, escolas, instituições comunitárias e empresas utilizando essa teoria em nossa realidade.

Em relação ao Psicodrama Terapêutico, muitos Psicodramatistas brasileiros já se dedicaram ao seu levantamento histórico e a sua conceituação teórica, entre eles: Pierre Weil, Cecília Coimbra, Sérgio Perazzo e Ronaldo Pamplona da Costa. O projeto “Memórias do Psicodrama” da Febrap (Federação Brasileira de Psicodrama) resgatou a história do Psicodrama no Brasil de 1960 a 2000. O Psicodrama Pedagógico também foi objeto de estudo da pesquisadora da USP (Universidade de São Paulo), Julianna Emma Florez, em 1986. Difundir o Psicodrama Pedagógico ou Psicodrama Aplicado à Educação, como também é conhecido, é um dos objetivos deste trabalho.

O tempo é questão fundamental para a nossa existência. Faz parte do ser humano buscar suas origens e ao se voltar ao passado tentar entender o presente. Pode-se imaginar o mundo surgindo exatamente como é hoje? Certamente haveria curiosidade para saber de onde viemos: o nascimento e a infância. Saber como surgiu o país, o bairro, a universidade. Quando se olha para o passado percebemos como a sociedade mudou. Quando se observa algo que mudou e não agrada, geralmente, tenta-se impedir que o processo em curso continue. Se agradar, procura-se facilitar que o processo continue e até mesmo se tenta reforçá-lo.

O tempo histórico é diferente do tempo cronológico de nossa vida diária, pois é o desenvolvimento do percurso que a humanidade fez até o momento. Se as coisas não mudassem, estaríamos exatamente iguais ao homem do tempo das cavernas. Nada teria mudado desde então. Pode-se exemplificar da seguinte forma: ao estudar a História do Brasil, em princípio pode-se pensar que os estudos devam começar pelo dia da independência, mas o Brasil está ligado ao desenvolvimento da história de Portugal e Espanha, no contexto histórico de fins de século XV, do momento vivido pelas pessoas daquela época, das consequências do modo de viver da sociedade daquele período. Isso tudo possibilita ao estudioso daquele período histórico compreender o passado e as causas para a construção da futura sociedade e cultura brasileira. É dessa maneira que se conta a trajetória do Psicodrama Pedagógico no Brasil, afunilando em Campinas, cidade com um dos polos da região metropolitana do Estado de São Paulo, formada por 19 cidades e uma população estimada em 2,33 milhões de habitantes (6,31% da população do Estado).

Jacob Levy Moreno, por meio do seu trabalho e ao longo de sua vida, inutilizou claramente o dito popular “Isso é assim, sempre foi assim, desde que o mundo é mundo. E nunca vai mudar!”, pois o Psicodrama demonstra que tudo se transforma e tudo pode mudar, seja no coletivo ou individual.